

Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

20-21

OUTUBRO – NOVEMBRO – DEZEMBRO DE 1980

BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Seminário de Aveiro — 3800 Aveiro

Telef.: 034-22172

Condições de assinatura anual:

<i>Via Normal</i>		<i>Via Aérea:</i>	
Continente, Ilhas e Espanha	130\$00	Estrangeiro... ..	250\$00
Outros países	200\$00	Número avulso	35\$00

20-21 Outubro - Novembro - Dezembro de 1980

ANO V

Apresentação

A Iniciação Cristã na Tradição da Igreja — *P. José Ferreira*

O canto na celebração dos Sacramentos da Iniciação Cristã — *P. Manuel Luis*

Palavras de encerramento — *D. Manuel de Almeida Trindade*

São Cirilo e São Metódio Padroeiros de Europa

Noticiário

VII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica

Publicações litúrgicas.

Composto e impresso na Gráfica de Coimbra — 1 000 ex.

Sai este número com mais três trabalhos do último Encontro nacional e, se não consegue, apesar dos esforços feitos, publicar todos os trabalhos, não deixa por isso de dar uma ideia, tão exacta quanto possível, do conteúdo e do nível da temática nele tratada.

Infelizmente, ainda não pudemos recuperar, desta vez, «o tempo perdido». O conhecimento de atrasos semelhantes em revistas deste género não nos dá descanso nem nos impede de sentir o dever e a urgência de tentar tudo para apanhar o imparável relógio do tempo. Não é em vão que falamos em falta de clero e de leigos especializados em todos os sectores, inclusive no da Pastoral litúrgica. Tal facto, no entanto, poderá ser superado desde que os nossos sacrificados colaboradores, apesar das inúmeras e absorventes tarefas em que se encontram envolvidos, façam o «milagre» de entregar atempadamente os originais dos seus artigos.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o precioso estudo de P. José Ferreira sobre «a Iniciação Cristã na Tradição da Igreja», quer pelas luzes fornecidas ao longo da história da Igreja, quer pela segurança dos conhecimentos que o autor claramente revela.

O papel do canto nos Sacramentos da Iniciação Cristã é tratado em profundidade de ciência, em documentação actualizada e criterioso sentido pastoral pelo P. Manuel Luis, cuja competência teórica e prática nesta matéria é sobejamente reconhecida e até pode ser comprovada pela música do hino ao Espírito Santo incluída neste número.

As palavras de encerramento proferidas pelo Sr. D. Manuel de Almeida Trindade, na sua função de Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, dão uma visão sintética e autorizada do Encontro, acentuam o carácter pastoral dos trabalhos e a beleza das celebrações litúrgicas e não deixam de constituir um apelo aos participantes — e presentemente dos leitores — para que ponham «ao serviço dos outros os ensinamentos ou os deslumbramentos que eles não tiveram oportunidade de colher ou de experimentar».

A nota sobre S. Cirilo e S. Metódio apresenta e justifica as razões que levaram o Papa João Paulo II a honrá-los com o título de Padroeiros da Europa, ao lado de S. Bento, e a elevar a sua comemoração litúrgica à categoria de Festa.

A INICIAÇÃO CRISTÃ NA TRADIÇÃO DA IGREJA

Explicação de certos termos

Iniciação é o acto de iniciar; iniciar leva consigo a ideia de início, de começo. Na tradição cristã, dá-se o nome de iniciação ao conjunto de acções pelas quais alguém é admitido na comunidade dos cristãos, na Igreja de Cristo. Estas acções são essencialmente os sacramentos da iniciação, a saber, o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia. Estes são os ritos fundamentais da iniciação. Mas os ritos cristãos são sempre expressão da fé, e a fé vem pela palavra; por isso, os ritos vêm sempre articulados com a palavra. Palavra e rito são, aliás, os elementos fundamentais de toda a liturgia cristã.

A iniciação de alguém na vida da comunidade dos cristãos vai, por isso, englobar o anúncio da *palavra* de Deus, desde a primeira evangelização até ao aprofundamento da mesma na catequese, as quais levam à fé e à conversão, e um conjunto de *ritos*, desde os que acompanham todo o tempo que precede a celebração dos sacramentos até à celebração destes, que serão o ponto culminante de toda a iniciação, o Baptismo, a Confirmação e a Eucaristia, por isso justamente chamados sacramentos da iniciação.

A iniciação cristã dos adultos, entendida no seu sentido mais lato, não se faz, portanto, num acto único nem, consequentemente, num só momento. Consta de elementos diversos e desenrola-se ao longo de certo tempo, que pode chegar a ser, e normalmente é, de vários anos. A todo esse conjunto chama-se-lhe a *disciplina da iniciação cristã*.

Os candidatos aos sacramentos da iniciação, quando adultos, hão-de percorrer uma longa caminhada de formação durante o tempo que se chama o *catecumenado*. Durante este tempo os candidatos recebem o

nome de *catecúmenos*. O catecúmeno é considerado já como *cristão*, mas não ainda como *fiel*. O catecumenado constitui um tempo eclesial específico, com o seu estatuto próprio; é um estágio da vida cristã, a que os antigos chamavam mesmo Ordem, a *Ordem dos catecúmenos*. O Ritual actual não recuperou esta terminologia.

Mas tudo isto se compreenderá melhor percorrendo a história da iniciação cristã tal como ela se tem processado desde o início até aos nossos dias. O *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*, recentemente publicado entre nós, constitui precisamente a última fase desta longa história.

Esta disciplina foi-se estruturando através dos tempos, mas apareceu, desde o início, com o que lhe é essencial. Apresenta-se sumariamente já nos livros do *Novo Testamento*; encontra-se descrita com grande desenvolvimento no século III, na *Tradição Apostólica* de S. Hipólito de Roma; adapta-se depois às circunstâncias do meio donde provêm os candidatos, se de meio pagão, até ao século VI, se de meio cristão, a partir dessa época, adaptação esta que, em muitos casos, não passou do abandono quase total dos outros elementos além dos sacramentos propriamente ditos, e estes mesmos celebrados, por vezes, sem a consciência de que se tratava de sacramentos de iniciação, sobretudo no caso da Confirmação, e até da Eucaristia. A reforma litúrgica actual pugna pela restauração da disciplina da iniciação e da consciência do que ela significa.

Podemos assim dividir a história da iniciação cristã em dois grandes períodos: até ao século VI, em que predominam os candidatos adultos; a partir daquela época, em que predominam os candidatos crianças. No entanto, desde o princípio se deu o Baptismo às crianças.

Enquanto os candidatos foram adultos, deu-se grande relevo ao tempo anterior à celebração dos sacramentos da iniciação. Este tempo, o *catecumenado*, conduz aos sacramentos da iniciação, — Baptismo, Confirmação e Eucaristia —, celebrados todos numa única acção litúrgica, normalmente na Vigília pascal. Mas o catecumenado ficará mal definido, se lhe chamarmos simplesmente preparação para o Baptismo; ele é já, em si mesmo, tempo cristão, porque nele se entra por uma fé inicial, fé essa que se destina a crescer e frutificar ao longo do catecumenado, até que, pelos sacramentos, se renasce para a nova situação de filhos de Deus. Talvez melhor do que preparação, poderíamos chamar-lhe, com S. Agostinho, o tempo da gestação cristã, como a hora dos sacramentos será o tempo do nascimento cristão.

Mas será melhor fazer a análise destes diversos tempos da iniciação à medida que lhe formos contemplando a evolução através das idades.

I. Nos livros do Novo Testamento

Há nos livros do Novo Testamento muitas referências ao Baptismo de várias pessoas. É certo que não se apresenta ainda aí uma disciplina de iniciação estruturada como ela vai aparecer algum tempo mais tarde, mas já lá se encontram os seus elementos essenciais. Estamos ainda no início da vida da Igreja, e a finalidade dos livros do Novo Testamento não é apresentar-nos um manual de pastoral ou de liturgia das comunidades, como o vai ser, no século III, a *Tradição Apostólica* de S. Hipólito, embora contenham alusões a essa disciplina.

Fala-se de Baptismo nos *Actos dos Apóstolos* e nas *Epístolas de S. Paulo*. Aí se faz frequentemente alusão ao anúncio do mistério cristão, à fé do candidato e ao baptismo de água. A fé do candidato não é apenas a adesão intelectual ao que lhe foi anunciado, como se se tratasse da resposta de um examinando ao seu examinador, mas leva consigo a conversão interior ao mistério que lhe foi revelado, Deus e Aquele que Ele enviou, Jesus Cristo.

Assim, na primeira pregação apostólica, feita por S. Pedro no dia de Pentecostes, encontramos este esquema completo. Pedro proclama o mistério da salvação, partindo do Antigo Testamento, de Joel (falava a Judeus), e centra-se em Jesus Cristo, no seu mistério pascal: «este homem, vós O fizestes crucificar..., mas Deus ressuscitou-O...»; os que o escutavam «emocionam-se até ao fundo do coração e perguntam a Pedro e aos outros apóstolos: 'Que havemos de fazer, irmãos?」 Sentem-se tocados pela palavra. «Pedro respondeu-lhes: 'Convertei-vos e peça cada um de vós o baptismo em nome do Senhor Jesus, para a remissão dos seus pecados; recebereis então dom do Espírito Santo」 (Act 2, 37-38). Encontramos aqui a proclamação da palavra, a fé, a conversão, o baptismo, explicitando-se a sua significação, «a remissão dos pecados», e refere-se ainda «o dom do Espírito Santo», que é o dom da Confirmação.

A ligação entre a fé e o baptismo pode verificar-se em todos os outros casos. A própria expressão usada para designar o baptismo cristão, e que o distingue de todos os outros baptismos em uso na época, como o de João Baptista, ou seja, baptismo «em nome de Jesus «Cristo» (Act 2, 38; 8, 16; 10, 48; 19, 5), exprime claramente a atitude de fé que anima o baptizando e o conteúdo dessa fé: o mistério de Jesus Cristo. A expressão «em nome de Jesus Cristo» não é necessariamente uma fórmula litúrgica; exprime tão-somente o objecto da fé.

Pode parecer-nos, à primeira vista, que estes baptismos foram dados sem preparação. Não o foram certamente, dado que eles supõem sem-

pre a fé e a conversão, coisas que se não improvisam. Fizemos já notar que os livros do Novo Testamento não são nem contêm manuais de disciplina baptismal. Por outro lado, tratando-se de Judeus, eles estão suficientemente preparados até à descoberta de Jesus Cristo, Aquele mesmo que eles esperavam. Ora, é precisamente Jesus Cristo que lhes é anunciado na pregação apostólica e que vem finalmente responder à expectativa da sua fé e culminar neles a divina revelação.

Quanto aos pagãos, como Cornélio, baptizado por Pedro (Act 10), ou o etíope, baptizado por Filipe (Act 11), eles deviam manter contacto profundo com o judaísmo. Cornélio vivia em Cesareia marítima, era piedoso e temente a Deus, dava largas esmolas e rezava continuamente a Deus (Act 10, 2); e o etíope regressava de Jerusalém, onde tinha ido em peregrinação, ia no carro lendo o profeta Isaías e soube interrogar Filipe sobre o significado da leitura, que logo supôs ter maior alcance do que o que lia na aparência da letra do texto profético (Act 8, 27-31). Sem fé no Senhor Jesus Cristo não teria, evidentemente, sido possível dar o baptismo a ninguém, sobretudo nestes tempos em que a nova religião apresentava perspectivas tão diferentes, mesmo tão contrárias ao que lhes era tradicional.

II. Do século II ao século V

Mas era normal que toda esta caminhada, desde o anúncio do mistério de Cristo até à fé, à conversão e à celebração dos ritos sacramentais, os mistérios, como se dizia, exigisse estruturação própria, ambiente propício, disciplina condizente. E foi o que aconteceu.

Sobre tudo isto estamos bastante bem documentados, logo desde o começo do século II, mas sobretudo a partir do século III. Até ao princípio do século VI, cerca do ano 500, a disciplina da iniciação cristã vai estar toda orientada para catecúmenos adultos. As crianças são, sem dúvida nenhuma, baptizadas, quando filhas de pais cristãos, isto é, quando se tinha por normal que elas viriam a receber, no futuro, a educação cristã dos pais; quanto aos ritos da liturgia da iniciação, eles são os mesmos que para os adultos, como continuam hoje a sê-lo, visto que esses ritos são apenas os dos sacramentos, não os do catecumenado, que para eles não existe.

O meio humano donde estes adultos provêm é geralmente, sobretudo no princípio, pagão. Por isso, a disciplina da iniciação vai ocupar um tempo longo antes de eles chegarem aos sacramentos. Este tempo, o catecumenado como lhe vamos chamar, não gostaria de insistir em

chamar-lhe preparação para o baptismo. Certamente que é no baptismo que ele encontra a plenitude do sentido; mas ele é já tempo de iniciação cristã, é já mesmo tempo cristão, tempo de evangelização, de fé, de conversão, até de oração e de celebração de certos ritos litúrgicos, ao nível de catecúmenos. Eles próprios, os catecúmenos, são já chamados *cristãos*, embora não ainda *fiéis*.

Por outro lado, o catecumenado não é preparação exclusivamente para os sacramentos a que ele directamente conduz, mas para toda a futura vida cristã, na comunidade eclesial.

a) No século II

Do século II, temos, entre outros testemunhos, o de *S. Justino*. Na sua época a futura disciplina do catecumenado está ainda em embrião, mas já se lhe desenham as grandes linhas. O catecúmeno do tempo de *S. Justino* toma parte no *ensinamento*, e nas proximidades do baptismo, na *oração* e no *jejum*. O ensinamento tem carácter duplo: doutrinal e moral. O ensinamento doutrinal expõe o objecto da fé que há-de ser professada no momento do baptismo. O ensinamento moral pretende assegurar que a vida do catecúmeno seja vivida, cada vez mais, de maneira conforme à fé que professa. A oração e o jejum coincidem com a oração e o jejum da comunidade cristã, certamente às quartas e sextas-feiras, os dois dias de jejum já mencionados na *Didakhê* (*Did VIII, 1*).

Estando ainda em estado embrionário o que, mais tarde, se virá a chamar ano litúrgico, não se pode procurar, nesta época, qualquer coincidência entre tempos litúrgicos e os diversos momentos da iniciação cristã.

b) No século III

No princípio do século III, diferentemente do que sabemos do século anterior, encontramos, pela primeira vez, a disciplina da iniciação cristã perfeitamente organizada. É a *Tradição Apostólica* de *S. Hipólito*, já citada, que nos fornece, cerca do ano 215, a primeira descrição completa dessa disciplina, bem como da restante liturgia da Igreja dessa época, em Roma.

Segundo a *Tradição Apostólica*, o tempo que antecede a celebração dos sacramentos da iniciação, isto é, o catecumenado, está distribuído por dois períodos: um mais longo, o catecumenado propriamente dito,

e outro mais breve, o que antecede imediatamente a celebração dos sacramentos da iniciação.

O catecumenado propriamente dito dura, em princípio, três anos, a não ser que as disposições do candidato orientem noutro sentido. É este o tempo da formação cristã do catecúmeno. É, como já foi lembrado, o tempo da gestação do futuro baptizado, como o baptismo será o seu nascimento.

No início, haverá um momento em que o candidato se apresenta para ser feito catecúmeno. Ele apresenta-se, mas é a Igreja que o fará catecúmeno. É o momento que mais tarde se designará por *Entrada em catecumenado*. O que se apresenta para ser feito catecúmeno, S. Hipólito dirá «para escutar a palavra», é levado a um «doutor» ou mestre, antes do povo chegar, e pergunta-se-lhe por que razão «vem à fé»; diríamos hoje, para descobrir as suas motivações. Com este mesmo sentido, os candidatos são apresentados por alguém que dará testemunho a respeito deles, «a fim de se saber se eles são capazes de escutar» (a palavra) São depois sujeitos a um exame sobre o seu estado de vida e a sua profissão. Há, de facto, estados e profissões incompatíveis com a vida cristã.

Começam então os três anos do catecumenado. O ensino é feito em sessões de catequese. No fim da catequese, os catecúmenos rezam, separados dos fiéis; mas não trocam ainda entre si o beijo da paz, como farão depois os fiéis, isto é, os baptizados, ao terminarem a oração, porque o seu beijo, explica S. Hipólito, ainda não é santo. Os fiéis, esses saudar-se-ão, os homens aos homens, as mulheres às mulheres. A reunião termina com a imposição da mão do catequista, a oração do mesmo e a despedida.

Chegando ao fim do catecumenado, faz-se a *eleição* ou *escolha* dos que hão-de receber o baptismo. Para isso, são sujeitos a um exame sobre a maneira como viveram durante o tempo do catecumenado: se ajudaram as viúvas, se visitaram os doentes, se praticaram boas obras. Se os que os trouxeram dão bom testemunho acerca deles, ouvirão o Evangelho. A partir deste momento, são colocados à parte e recebem todos os dias o exorcismo por meio da imposição da mão. Nas proximidades do dia do baptismo é o próprio bispo quem fará o exorcismo ao catecúmeno, para saber se ele é puro. Se não o for, é porque não escutou a palavra com fé.

Não se precisa nunca em que época do ano isto acontece; mas precisam-se agora os dias da semana. Na quinta-feira devem tomar banho, jejuam na sexta-feira, têm uma última reunião, a que presidirá o bispo, no sábado. Nesta reunião, rezam de joelhos e o bispo faz

sobre eles um exorcismo, intimando a todo o espírito estrangeiro que os abandone e não volte mais a eles; por fim, soprará sobre eles, far-lhes-á o sinal da cruz na fronte, nos ouvidos e nas narinas, e manda-os pôr de pé. Passarão toda a noite em vigília, em que escutam leituras e são instruídos.

Ao cantar do galo, faz-se a oração sobre a água. Os baptizandos tiram as vestes e são baptizados, primeiro as crianças, depois os homens e em seguida as mulheres. O bispo dá ainda graças sobre o óleo, que é chamado óleo de acção de graças, e exorciza outro óleo, que será chamado óleo de exorcismo. Um diácono toma o óleo de exorcismo e coloca-se à esquerda do presbítero, outro diácono toma o óleo de acção de graças e coloca-se à direita dele. O presbítero manda-lhe fazer a renúnciação, e ele diz: «Renuncio a ti, Satanás, a toda a tua pompa e a todas as tuas obras». E o presbítero faz-lhe a unção com o óleo de exorcismo, dizendo: «Todo o espírito se afaste de ti». E assim o confia, nu, ao bispo ou ao presbítero que está perto da água. O baptizando desce à água. Aquele que o baptiza diz: «Crês em Deus Pai todo-poderoso?» E o que é baptizado diz: «Creio». E aquele que baptiza, mantendo a mão sobre a cabeça dele, baptiza-o uma vez. Em seguida, diz: «Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu pelo Espírito Santo da Virgem Maria, foi crucificado sob Pôncio Pilatos, morreu, ressuscitou ao terceiro dia vivo de entre os mortos, subiu aos céus e está sentado à direita do Pai, e que virá julgar os vivos e os mortos?»

E, quando ele tiver dito: «Creio», baptiza-o segunda vez. De novo, o que baptiza dirá: «Crês no Espírito Santo, na santa Igreja?» O que é baptizado dirá: «Creio», e assim será baptizado uma terceira vez. Depois é ungido com o óleo de acção de graças com estas palavras: «Eu te unjo com óleo santo em nome de Jesus Cristo». Depois de se terem enxugado e vestido, entram na igreja. O bispo impõe-lhes a mão, dizendo uma invocação. Depois, derrama-lhes o óleo de acção de graças com a mão, impondo-a sobre a cabeça deles, e diz: «Eu te unjo com óleo santo em Deus Pai todo-poderoso e em Cristo Jesus e no Espírito Santo». Faz-lhe o sinal da cruz sobre a fronte e dá-lhe o beijo da paz, dizendo: «O Senhor esteja contigo». E ele responde: «E com o teu espírito».

Em seguida, rezarão com todo o povo, pois antes de terem obtido tudo isto não rezam com os fiéis. No fim da oração, dão uns aos outros o beijo da paz. Segue-se a celebração da Eucaristia. Mas ao cálice do Sangue do Senhor vitá juntar-se uma taça de leite e mel, para indicar o cumprimento da promessa feita aos nossos pais, de que haviam de entrar na terra onde corre o leite e o mel, terra na qual agora os bapti-

zados acabam de entrar. Depois da fracção do pão, o bispo apresenta-o a cada um, dizendo: «O pão do céu em Cristo Jesus». E o que o recebe responde: «Amen». O mesmo sucede com os cálices.

Quando isto tiver terminado, cada um se aplicará a fazer boas obras, a agradar a Deus e a portar-se bem, a ser zeloso para com a Igreja, fazendo o que aprendeu e progredindo na piedade.

Perdoai ter-me demorado com esta transcrição quase literal e não completa da *Tradição Apostólica* sobre a iniciação cristã nos princípios do século III. Mas este testemunho é irresistível e único. Trata-se realmente de uma iniciação, primeiro na palavra, que revela o mistério, depois no rito, que o celebra e nele faz participar. Os antigos cristãos tinham consciência de que se tratava de uma iniciação no mistério, isto é, no segredo divino, que a eles gratuitamente se revelava. Para os de fora, enquanto não estivessem dentro, admi-tilos impreparadamente nesta intimidade seria uma profanação, porque para eles seria tido como que uma loucura. Por isso, S. Hipólito acrescenta: «Transmitimo-vos estas coisas brevemente sobre o santo baptismo e a santa oblação, porque já tínheis sido instruídos sobre a ressurreição da carne e sobre outros ensinamentos segundo o que está escrito. Mas se for conveniente recordar qualquer outra coisa, o bispo o dirá sob o selo do segredo àqueles que receberam a Eucaristia. Os infieis não tenham conhecimento disto, senão quando tiverem recebido a Eucaristia. Trata-se da pedra branca, acerca da qual João diz: «Um nome novo aí está escrito, que ninguém conhece, a não ser aquele que o receber» (Ap 2, 7).

Na *Tradição Apostólica* de S. Hipólito encontramos o ritual completo da disciplina da iniciação cristã. Não houve outro em toda a história desta iniciação, a não ser o que resultou da simplificação ou adulteração deste ritual primitivo. E o Ritual agora reformado outra coisa não é senão o regresso, com ligeiras adaptações que a evolução dos tempos impunha, ao ritual de S. Hipólito, tão completo e actual ele é.

c) Nos séculos IV e V

É-nos relativamente fácil reconstituir a disciplina da iniciação cristã deste período a partir dos vários *testemunhos dos Padres*, sobretudo das suas catequese, de uma *carta do Diácono João a Senário de Siracusa* e do ritual conservado num dos mais antigos Sacramentários romanos, o *Sacramentário Gelasiano*.

Tal como no século anterior, continua a existir o catecumenado distribuído em dois períodos, um primeiro mais afastado da celebração

dos sacramentos e mais longo, outro mais próximo e mais breve, destinado exclusivamente aos «eleitos» para o baptismo, e que, a partir do século IV, vai coincidir com o tempo da Quaresma, instituída especialmente para eles.

A entrada em catecumenado processa-se de maneira semelhante à descrita por Hipólito na *Tradição Apostólica*.

O catecumenado continua a durar, em princípio, três anos; todavia são muitos, como veremos, os que, uma vez inscritos, se desinteressam desmesuradamente do pedido de inscrição para os sacramentos. Quando esse dia finalmente chegar, entram na segunda e última fase do catecumenado, pelo rito da *eleição* ou inscrição do nome, e passam a ser denominados «*eleitos*» ou «competentes» (em latim); ainda se lhes dá o nome, sobretudo no Oriente, de «*illuminandi*» (em tradução latina), isto é, os que se preparam para serem «iluminados», pois que o baptismo também é chamado «iluminação». Dada a pouca decisão que haviam mostrado no período anterior, este segundo período vai tentar suprir o que faltou nesse período.

O século IV foi, de facto, um século de crise no que se refere à iniciação dos adultos. Começa a sentir-se certa desafecção por parte destes em relação ao baptismo. Mesmo quando os candidatos ao baptismo se inscrevem no número dos catecúmenos, e frequentemente isso acontecia desde tenra idade, não foi raro que o tempo do catecumenado se arrastasse indefinidamente e os candidatos nunca mais se decidissem a pedir os sacramentos. Ficava-se pelo caminho! Os pastores frequentemente insistem com eles para que peçam o baptismo. Testemunho desta crise é que a maior parte dos grandes Padres da Igreja deste século foram baptizados em idade bastante avançada. Recordemos o caso bem conhecido de S. Agostinho, baptizado aos 33 anos e depois de que lutas interiores! No entanto, ele tinha sido alistado entre os catecúmenos desde criança.

Uma vez eleitos e inscritos para o baptismo, estes catecúmenos recebem, ao longo da Quaresma, uma preparação muita intensa. Consta ela de formação moral, doutrinal e de celebrações litúrgicas. S. Leão Magno fala de exorcismos (liturgia), jejuns (ascese) e pregações (catequese). É a estas pregações que pertencem as célebres *catequese baptismais*, bem conhecidas. Pretendem todas elas fazer a iniciação no mistério de Deus que Se revela e Se comunica na história da salvação. O catecúmeno é alguém que vai entrar hoje na história da salvação, a qual já vem de longe, mas nele se vai agora continuar. Os Padres

sentem gosto em estabelecer o paralelo entre a história da salvação proclamada na Bíblia e a ordem sacramental da Igreja. A interpretação tipológica, segundo a qual o que se lê na Bíblia, como realizado outrora para a salvação de outros, se verifica realizado hoje nos sacramentos da Igreja, é forma de catequese muito ao gosto dos Padres destes séculos e encontra frequente testemunho na liturgia, particularmente nos textos da liturgia da iniciação. Basta-nos recordar a aproximação que uns e outros fazem entre o Êxodo e o baptismo. Mas de toda a história da salvação é a de Jesus Cristo a que mais é comentada aos eleitos. Assim se prepara a profissão de fé que eles hão-de fazer antes de serem baptizados. O resumo da fé encontra-se justamente no *Símbolo da fé*, o *Credo*, que lhes é solenemente entregue no V Domingo da Quaresma. É o que se chama a *tradição* (ou entrega) *do Símbolo*, como depois se chamará a *redição do Símbolo* ao acto pelo qual o hão-de recitar de cor no Sábado Santo, durante o último escrutínio.

Ao lado das catequese, há as celebrações litúrgicas, entre as quais se destacam os *escrutínios*. Nesta época, os escrutínios são ainda três, e têm lugar no III, IV e V Domingo da Quaresma, na assembleia de toda a comunidade. Servem-lhes de ponto de partida as leituras bíblicas, principalmente as do Evangelho, escolhidas precisamente em ordem ao escrutínio: no III Domingo, o Evangelho da Samaritana, no IV, o do cego de nascença, e no V, o da ressurreição de Lázaro. Estes textos ficaram considerados, desde esse tempo, como fundamentais na preparação imediata para o baptismo, e voltaram, por isso, a ser agora atribuídos a estes mesmos Domingos no ano A; mas podem ser igualmente utilizados nos Anos B e C nestes mesmos Domingos, sobretudo onde houver catecúmenos. E, no caso de não virem a ser utilizados nestes Domingos nos Anos B e C, podem sê-lo durante as semanas que se lhes seguem, em qualquer dia das mesmas, substituindo então as leituras previstas para esse dia, tal a importância que se lhes atribui. O Leccionário Ferial prevê esta opção no início da III, IV e V semana da Quaresma, antes da Missa das Segundas-feiras.

Os escrutínios têm como elemento específico o *exorcismo*. O exorcismo é um acto pelo qual, numa fórmula solene, se põe diante dos olhos do catecúmeno a verdadeira condição da vida espiritual do cristão, a luta entre a carne e o espírito, a importância da renúncia para alcançar as bem-aventuranças do Reino de Deus, e a contínua necessidade do auxílio divino (Rit. da Inic. Crist. dos Adult., 101; cf. nn. 154-157, sobret. 156).

O baptismo é ainda celebrado, como se descreve na *Tradição Apostólica*, fazendo acompanhar a tríplice imersão com a tríplice profissão de fé, em diálogo entre o ministro e o que é baptizado.

O baptismo é imediatamente seguido da *Unção da Confirmação* e da participação na *Eucaristia*, cuja celebração culmina todo o rito. Tal como em S. Hipólito.

Os recém-iniciados chamam-se *neófitos*. Estes são objecto de cuidados especiais durante as primeiras semanas do seu *neofitato*. Durante elas, recebem um outro tipo de catequese chamada *mistagógica*.

III. Do século VI ao século XVI

A partir dos começos do século VI, a maior parte dos catecúmenos são crianças, às quais não é possível nem teria sentido aplicar a disciplina catecumenal como ela tinha sido pensada para os adultos nos períodos anteriores. Os catecúmenos de agora são passivos, incapazes de fazerem uma caminhada catecumenal. Podem, sim, ser baptizados, porque o dom do baptismo é gratuito; o que não lhes é aplicável é uma disciplina pensada para adultos e só para eles justificável.

Como vai então ser celebrada a iniciação destas crianças?

Do ponto de vista dos ritos sacramentais propriamente ditos, eles foram substancialmente conservados. Foi a disciplina e a liturgia do catecumenado que foi sofrendo sucessivamente muitas alterações, mas sempre a partir daquela primeira estrutura já de nós conhecida. Eis algumas adaptações:

a) as interrogações que, na antiga disciplina, se faziam no próprio momento do baptismo; «Crês em Deus Pai..., etc.», foram antecipadas para antes do baptismo e substituiu-se-lhes uma fórmula pronunciada pelo ministro, de carácter declarativo: «Eu te baptizo...»;

b) à antiga tradição do Símbolo, veio juntar-se, primeiro, a tradição da oração dominical, o «Pai nosso», e, mais tarde, a dos Evangelhos, que, de algum modo, substituíam as antigas catequese, agora impraticáveis;

c) elevou-se o número de escrutínios, que passaram de três para sete, para, de certa maneira, compensar pela invocação da acção divina a incapacidade de participação do catecúmeno;

d) tanto o rito de admissão, como os vários escrutínios vão sendo sucessivamente agrupados, a ponto de acabarem por se juntar ao próprio rito do baptismo, numa única celebração;

e) a partir do segundo milénio, a entrega da veste branca passa a ser acompanhada de uma fórmula própria;

f) aparece a entrega da vela acesa;

g) e, a mais profunda talvez, dentro do próprio rito baptismal, a *imersão*, a única maneira perfeitamente expressiva do descer com Cristo à sepultura para dela surgir como nova criatura, segundo S. Paulo, foi substituída pela *infusão*.

Desta rápida excursão pode concluir-se que nunca existiu um *Ritual de Baptismo das Crianças*, senão no nosso tempo. As crianças sempre se baptizaram como os adultos, à parte o catecumenado.

Quanto se chegou ao século XVI, mais precisamente em 1523, Alberto Castellani organizou um Ritual, com o nome de *Liber Sacerdotalis*, em que se continham dois rituais de baptismo, um mais longo, outro mais breve. Estava-se ainda antes do Concílio de Trento, e tentavam-se experiências sentidas necessárias, como o futuro veio a demonstrar. Terminado o Concílio, que confiava ao Papa a reforma da liturgia que ele não tinha tido tempo de realizar, embora a comesse, Paulo V publicou em 1614, o *Ritual Romano*, e nele atribuía o Ritual maior de Castellani aos adultos, e o menor, às crianças. Em qualquer desses rituais, com os quais se baptizaram as gerações dos últimos séculos, e nós com elas, se podiam adivinhar os antigos elementos do catecumenado e dos sacramentos da iniciação já presentes na *Tradição Apostólica* de Hipólito; mas, quão atrofiados e quase irreconhecíveis!

Em 1962, certamente por influência e pressão dos missionários, que tinham a seu cuidado, nas Missões, milhares de catecúmenos adultos e que sentiam a falta de uma liturgia que acompanhasse a caminhada desses catecúmenos até aos sacramentos da iniciação, a Santa Sé propôs a utilização do *Ritual do Baptismo dos Adultos* desdobrado, como outrora, em diversas celebrações. Os elementos estavam lá; era só questão de os separar e os distribuir ao longo do tempo do catecumenado. Os missionários já antes disso tinham tentado algumas experiências paralitúrgicas, na ausência de uma liturgia pensada para os seus casos.

O Concílio Vaticano II prevê agora, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, nos números 66 a 70, a reforma dos Rituais do Baptismo: «Revejam-se ambos os ritos do Baptismo de adultos, tanto o mais simples como o mais solene, tendo em conta a restauração do catecumenado». Foi o que se fez com o *Ordo Initiationis Christiannae Adultorum*, publicado em Roma no dia 6 de Janeiro de 1972, e agora aparecido entre nós em língua portuguesa.

Algumas conclusões

1. As verificações que temos vindo a fazer podem trazer-nos, entre outras, uma perspectiva importante para a catequese pós-baptismal, que é a maior parte da catequese que temos hoje para fazer entre nós. Ela deverá ser, até certo ponto, uma mistagogia, pois que ela tem como missão levar a descobrir o que somos por termos sido iniciados por meio dos sacramentos que nos constituíram cristãos. A vida cristã descobrir-se-á assim, antes demais, como o acto de reconhecer e agradecer o dom recebido, e corresponder ao que se é por graça de Deus. O pelagianismo é tentação de todos os tempos; mas os sacramentos que nos marcaram com o sinal da fé são a fonte donde dimana toda a nossa situação de cristãos e, por isso, o ponto de partida para a descoberta, cada vez mais profunda se mais actualizada, do que devemos querer ser.

2. A disciplina da iniciação, tal como a Igreja a instituiu desde os primeiros tempos da sua experiência pastoral e que, de novo, nos propõe, é sempre um modelo, mesmo para a formação dos que já foram iniciados pelos sacramentos da iniciação; mas nunca se poderá assimilar a situação espiritual de um baptizado, praticante ou não, à de um não baptizado, pagão ou catecúmeno. O baptizado tem a descobrir o que é, o que Deus nele realizou; o não iniciado tem a desejar o que poderá vir a ser.

3. Os sacramentos da iniciação são o complexo sacramental formado pelo Baptismo, Confirmação e Eucaristia, complexo inseparável, mesmo que, por razões sempre excepcionais, estes sacramentos sejam celebrados separadamente. Por isso, em princípio, nenhum destes sacramentos exige maior preparação do que qualquer dos outros dois; mas, se forem celebrados separadamente, e a algum deles faltou a devida preparação, esta deverá ser feita para os outros sacramentos, que ainda não foram celebrados.

4. Os sacramentos da iniciação, de per si, não estão ligados a nenhuma idade particular, não se destinam a nenhuma época especial da vida. Mas a experiência pastoral pode dilatar qualquer destes sacramentos até ao momento achado oportuno, tendo-se sempre o cuidado de evitar que tal venha a perspectivar erradamente os sacramentos da iniciação.

5. Devem ser valorizadas todas as circunstâncias que podem tornar mais significativos os ritos sacramentais, na linha da recta interpretação dos mesmos. Em particular, é de fomentar o baptismo por imersão, o mais expressivo, o mais tradicional, e previsto, sempre em primeiro lugar, nos novos livros litúrgicos.

JOSÉ FERREIRA

O canto na celebração dos Sacramentos da Iniciação Cristã

COMO O «RITUAL DO BAPTISMO DAS CRIANÇAS»
VÊ O CANTO NA CELEBRAÇÃO DESTE SACRAMENTO

«O canto ajuda muito na celebração do Baptismo: promove a união dos presentes, favorece a oração comum e exprime a alegria pascal que o rito deve manifestar»⁽¹⁾.

1. «Ajuda muito na celebração»

A Instrução «Musicam Sacram», no seu n.º 5, afirma:

«A acção litúrgica adquire uma forma mais nobre quando se realiza com canto: cada um dos ministros desempenha a sua função própria e o povo participa nela. Desta maneira, a oração toma uma forma mais penetrante; o Mistério da Sagrada Liturgia e o seu carácter hierárquico e próprio de comunidade manifestam-se mais claramente; mediante a união das vozes alcança-se uma mais profunda união dos corações; pelo esplendor da beleza do sagrado mais facilmente o espírito se eleva ao invisível; finalmente, toda a celebração prefigura com mais clareza a Liturgia santa da Nova Jerusalém».

É sublinhada aqui a função ministerial da música unida à palavra ou ao rito. A palavra proclamada, quer seja a palavra de Deus quer seja a palavra da Igreja, é enriquecida com o canto, adquire uma maior

⁽¹⁾ Rit. do Baptismo das Crianças, Preliminares Gerais, n.º 33,

amplitude e densidade espiritual; isto é: pelo canto transforma-se mais facilmente em expressão de fé e de oração. É extraordinária a importância da palavra nas celebrações litúrgicas.

A celebração do Baptismo, que é um Sacramento especialmente festivo, cristã e humanamente é valorizada pelo canto quando os textos e a música que os reveste são aptos a cantar os acontecimentos de salvação que se celebram no Sacramento e quando o canto intervém nos momentos devidos, sublinhando ou prolongando os diversos ritos tendo em conta a dinâmica geral da celebração.

É necessário defender o carácter próprio da celebração baptismal, que é uma celebração litúrgica, do perigo que lhe vem do facto de ser também ocasião de festa familiar, de amigos, com uma indiscutível dimensão social. Transformar a celebração numa festa de baladas e guitarradas, só para satisfazer um gosto duvidoso dos familiares da criança, ou dos seus amigos cantores, é esquecer a dimensão orante de toda a celebração litúrgica. A perspectiva de canto que a Igreja nos apresenta no Ritual é bem clara e definida e deve ser o ponto de partida seguro para uma renovação pastoral nesta matéria.

2. «Promove a união dos presentes»

Diz a Instrução «Musicam Sacram», no n.º 16:

«Nada mais festivo e mais desejável nas acções sagradas do que uma assembleia, que, toda inteira, expressa a sua fé e a sua piedade por meio do canto».

O canto é um poderoso factor de comunhão. Ele contribui fortemente para formar e manifestar uma autêntica comunidade celebrante e orante. Nunca é demais insistir no valor do canto como sinal e factor de celebração comunitária. É verdade que na celebração do Baptismo a assembleia é muitas vezes herógena e reduzida; mesmo assim vale a pena tentar pôr de pé uma celebração participada pelo canto. Se não é possível cantar muito, cante-se pouco, mas como convém. O canto, mesmo simples, na sintonia da palavra e da música é capaz de unir as pessoas na expressão da sua fé e da sua oração e de as ajudar a viver melhor os ritos que acontecem perante os seus olhos e significam mais do que aquilo que os olhos vêem. A música ajuda a abordar o mistério.

De S. Pio X, passando por Pio XI e por Pio XII, até à reforma conciliar, a Igreja amadureceu de modo muito rico a consciência desta participação claramente expressa nos documentos conciliares e poste-

riores, e nas Instruções Gerais dos livros litúrgicos. Estas são verdadeiros tratados de Teologia e de Pastoral Litúrgica, pontos de partida e luminosos caminhos que todos somos chamados a seguir se pretendermos criar novas comunidades cristãs capazes de celebrar «em espírito e em verdade» o culto cristão. Os Rituais dos Sacramentos anteriores ao Concílio Vat. II (excepção feita para o do Sacramento da Ordem) não continham orientações gerais nem particulares para o canto. Os novos Rituais que agora temos entre mãos são pródigos em fornecer-nos linhas de orientação para a utilização do canto na celebração dos Sacramentos. É que eles nasceram de uma mentalidade nova que não se contenta com rubricas, também estas necessárias, mas partindo do essencial pretende aprofundar o sentido da celebração, da Palavra, do conteúdo de cada rito, do valor da assembleia que participa e celebra. Aprofundar o sentido destas orientações, descobrir as riquíssimas perspectivas que nos abrem, distinguir a aplicação concreta (que podia ser outra) do espírito que a motivou, eis uma apaixonante tarefa pastoral e um autêntico serviço do povo de Deus.

É neste sentido que o novo «Ritual do Baptismo das Crianças» (a afirmação vale também para o «Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos») dá normas e sugestões que, a serem seguidas, conduzirão à formação de uma comunidade interessada na celebração mesmo já a partir da preparação dos pais da criança:

«O povo de Deus, isto é, a Igreja representada na comunidade local, desempenha papel importante no Baptismo, não só dos adultos, mas também das crianças. A criança, com efeito, quer antes quer depois da celebração do Sacramento, tem direito a ser amada e ajudada pela comunidade. Dentro do próprio rito, além do que disse no n.º 7 dos Preliminares Gerais sobre a iniciação cristã, a comunidade exerce o seu munus ao manifestar o seu assentimento juntamente com o celebrante, após a profissão de fé dos pais e dos padrinhos. Assim se mostra que a fé, em que as crianças são baptizadas, não é tesouro apenas de uma família mas sim de toda a Igreja de Cristo»⁽²⁾.

Estas afirmações são fundamentais. Como é difícil converter as pessoas que vão à igreja *buscar* o Baptismo para as crianças, desejando recebê-lo individualmente, às vezes numa capela particular, a uma visão comunitária, a única verdadeiramente cristã, dos sacramentos e da vida da Igreja!

(2) Preliminares do Ritual, n.º 4.

Vamos fazer referência a alguns números dos «Preliminares Gerais» e dos «Preliminares» do Ritual que apontam para preparar a celebração comunitária do Baptismo e apresentam normas concretas. Descobramos em todas estas sugetões e normas um vasto campo a renovar na mentalidade na prática pastoral:

«Preliminares Gerais»:

N.º 7: «É evidente que a preparação do Baptismo e a formação cristã pertencem ao povo de Deus, isto é, à Igreja que transmite e alimenta a fé recebida dos Apóstolos. Mediante o ministério da Igreja, os adultos são chamados pelo Espírito Santo ao Evangelho, e as crianças são baptizadas e educadas na fé da mesma Igreja. Importa muito, pois, que já na preparação do Baptismo os catequistas e outros leigos dêem a sua colaboração aos sacerdotes e diáconos. Além disso é necessário que, na celebração do Baptismo, o povo de Deus, representado não só pelos pais, padrinhos e parentes, mas também, quanto possível, pelos amigos, vizinhos e alguns membros da igreja local, tome parte activa, para que assim se manifeste a fé comum e se exprima colectivamente a alegria, com que os recém-baptizados são recebidos na Igreja».

Dispensamo-nos de fazer qualquer comentário a este número: ele é tão claro e tão prático que o dispensa.

N.º 11: «Os ministros ordinários do Baptismo (...) evitem toda a atitude que possa, com direito, ser interpretada pelos fiéis como acepção de pessoas».

Privilegiar esta ou aquela pessoa — por exemplo: admitindo um caso ou um conjunto especiais, concedendo-lhe elementos de solenidade externa negado a outros é atentar contra a igualdade dos direitos que assiste a todos os membros da mesma comunidade cristã.

N.º 16: No Baptismo administrado em perigo de morte por um ministro extraordinário deve seguir-se, quanto possível, o rito previsto no Ritual. «Convém todavia que, mesmo neste caso, se reúna uma pequena comunidade ou haja pelo menos, se for possível, uma ou duas testemunhas».

N.º 25: «O baptistério ou lugar onde está a fonte baptismal (...) deve preparar-se de modo que facilite a participação de muitos».

É vontade da Igreja que o Baptismo apareça como celebração de uma comunidade, ainda que reduzida. Notar que o n.º 25 fala de participação e não de assistência; tal participação deve ser sempre procurada, mesmo que, em comunidades ocasionais constituídas, por vezes, por pessoas pouco inseridas na vida da Igreja, não atinja grande profundidade. No n.º 26 diz-se que, «se o Baptistério não puder conter todos os catecúmenos nem todos os presentes, os ritos podem realizar-se noutros lugares mais aptos».

N.º 27: «Na medida do possível, haja uma só celebração do Baptismo em cada dia, para todos os recém-nascidos. Na mesma igreja e no mesmo dia, não se celebre duas vezes o Sacramento sem justa causa».

A razão fundamental deste desejo da Igreja é naturalmente o carácter comunitário do Sacramento do Baptismo: recebido na Igreja insere o neófito na vida da Igreja; a celebração comunitária manifesta bem este carácter. A mentalidade individualista e utilitária de muitos cristãos, habituados a serem tratados com excepção, o não quererem ser como os outros porque o dinheiro ou a posição social os distinguem, constitui, especialmente nos grandes centros urbanos, uma pesada resistência à celebração comunitária do Baptismo. E até motivos fúteis, como, por exemplo, o desejo de se conservar a memória da celebração do Baptismo em fotografia que mostre a singularidade do acontecimento, criam dificuldades pastorais por vezes bem penosas. Tais dificuldades avolumam-se na medida em que hoje muitos dos que pedem o Baptismo para os filhos e os convidados para padrinhos vivem, senão totalmente à margem, pelo menos na periferia da vida da Igreja. A comunidade cristã... não a conhecem; a Igreja é para eles uma instituição que fornece, ou deve fornecer, o que lhe encomendam e sem regatear. Em tais circunstâncias afigura-se muito difícil «fazer a viragem»; e, no entanto, é essa a vontade da Igreja e só assim se vai implantando uma pastoral válida para hoje e com raízes para o futuro. A generosidade com que hoje semeamos contribuirá certamente para que no futuro a sementeira seja abundante, rica e genuína.

«Preliminares» do Ritual

Além do que vem afirmado no n.º 4 destes «Preliminares» que acima citámos, apontamos o seguinte:

N.º 5.1: «Antes da celebração do sacramento, é do maior interesse que os pais, guiados pela própria fé ou ajudados pelos amigos e outros membros da comunidade, se preparem para uma celebração consciente...».

Ritual

N.º 59: «O celebrante, juntamente com a comunidade cristã, faz sua esta profissão de fé...».

N.º 71: «Depois da bênção, se for oportuno, toda a assembleia exprime a alegria pascal e a acção de graças com um cântico...».

N.º 32: «Na medida do possível, celebre-se o Baptismo ao domingo, dia em que a Igreja recorda o mistério pascal, em celebração comunitária para todos os recém-nascidos e com a assistência de fiéis, sobretudo dos parentes, amigos e vizinhos, e com a sua participação activa».

É esta comunidade de pessoas ligadas à celebração do Baptismo por laços familiares, de amizade, de vizinhança ou de pertença à mesma paróquia que a Igreja deseja ver transformada em assembleia participante. «O canto promove a união dos presentes» que já colaboraram na preparação dos pais, ou dos catecúmenos e que agora tomam parte activa na celebração. O canto que deve ser simples porque se trata de uma celebração ocasional, é factor e sinal desta união, desta comunhão de todos no mesmo acontecimento de salvação que é a celebração do Baptismo: «Pela união das vozes alcança-se uma mais profunda união dos corações⁽³⁾. O canto não é suficiente para criar este espírito comunitário, é necessária a convergência de esforços e iniciativas várias.

3. «Favorece a oração»

A Liturgia é sempre oração e oração riquíssima não só quanto à dignidade mas também quanto à variedade. É pela oração que nos preparamos para receber o dom de Deus contido nos sacramentos.

(3) Instrução «*Musica Sacram*», n.º 5.

Ao celebrar o Baptismo a Igreja reza e muitas vezes. A bênção da água é uma esplêndida oração pascal que proclama a intervenção salvadora de Deus, que acontece no Baptismo. Deve dar-se-lhe o devido relevo tanto na Vigília Pascal como durante o ano.

O canto pode ajudar a viver esta oração da Igreja, seja oração presidencial, seja um salmo, seja um hino ou cântico pascal, seja um outro cântico baptismal adequado ao momento. A Instrução «*Musicam Sacram*» ensina que pelo canto «a oração toma uma forma mais penetrante»⁽⁴⁾; e a Constituição sobre a Sagrada Liturgia exprime de um modo muito bonito esta função ministerial do canto ao dizer: «A música sacra será tanto mais santa quanto mais intimamente unida estiver à acção litúrgica, quer como expressão delicada de oração, quer como factor de comunhão, quer como elemento de maior solenidade nas sagradas funções»⁽⁵⁾; e, mais adiante: «o fim da música sacra é a glória de Deus e a santificação dos fiéis».

Para a santificação dos fiéis, muito contribui a oração, e especialmente a oração comunitária, alimentada nas genuínas fontes da Palavra de Deus e da Liturgia. A música é ao lado da arquitectura, da escultura, da pintura e da poesia, um dos caminhos sensíveis — o mais rico — que nos conduz ao mundo da oração, comunhão com Deus; não qualquer música mas aquela que merece o nome de sacra. Ligada organicamente à palavra que se reza, exprime com uma nova dimensão e profundidade os sentimentos, afectos, súplicas e desejos do homem frente a Deus. «Quando a Igreja reza e canta ou age, a fé dos presentes é alimentada e os espíritos elevam-se para Deus para se Lhe submeterem de modo racional e receberem com mais abundância a sua graça»⁽⁶⁾; é que o próprio Cristo está presente na assembleia que reza e canta⁽⁷⁾.

Os primeiros séculos cristãos legaram-nos uma riquíssima tradição de cânticos baptismais que a Igreja nos apresenta nos novos rituais. É necessário reencontrar e reviver o ambiente festivo do Baptismo e exprimi-lo no canto. Na medida em que a celebração for festa pascal — que não é qualquer festa — interior, profunda e comunitária será também oração.

⁽⁴⁾ Instrução «*Musicam Sacram*», n.º 5.

⁽⁵⁾ Constituição «*Sacrum Concilium*», n.º 112.

⁽⁶⁾ *Ibi*: n.º 33.

⁽⁷⁾ *Ibi*: n.º 7.

4. «Exprime a alegria pascal que o rito deve manifestar»

A alegria pascal vem naturalmente do facto de o Baptismo ser uma participação sacramental no mistério da Morte e Ressurreição do Senhor. O estudo atento do Ritual mostra-nos como estão longe da perspectiva da Igreja os critérios correntes de escolha de cânticos para o Baptismo.

A celebração do Baptismo é uma celebração festiva, ocasião de festa familiar; mas a festa é cristã — «Vós éreis trevas, agora sois luz no Senhor!», assim eram acolhidos os neófitos na noite de Páscoa em Hipona no tempo de Santo Agostinho.

É necessária prudência pastoral e bom senso para harmonizar os dois aspectos: o respeito pela celebração litúrgica e o desejo das pessoas de manifestarem a sua alegria pelo canto. Em todo o caso, os chamados cânticos de compromisso, ou os cânticos de alegria meramente humana, estão fora do pensamento da Igreja. Na medida em que os cristãos tomarem consciência de que o Baptismo é um dom gratuito de Deus e de que no Baptismo nascemos para uma vida que não é deste mundo, a vida de Jesus que por nós morreu e ressuscitou, compreenderão a dimensão da alegria baptismal. Festa e alegria humana, sim, mas como floração da festa cristã do Baptismo. Alegria que é autêntica oração de louvor e acção de graças.

O sentido pascal do Baptismo é apontado no Ritual em diversos lugares:

«Preliminares Gerais»

N.º 28: «A celebração do sacramento (do Baptismo) deverá manifestar sempre o carácter pascal que lhe é próprio»⁽⁸⁾.

«Preliminares do Ritual»

N.º 9: «Para tornar mais evidente a índole pascal do Baptismo, recomenda-se que ele se celebre na Vigília pascal ou ao domingo, dia em que a Igreja comemora a ressurreição do Senhor».

(8) Preliminares Gerais do Rit. do Baptismo das Crianças; n.ºs 3 a 6. A mesma doutrina é apresentada nos Preliminares do Ritual da Iniciação Cristã,

«Ritual»

N.º 32: «Na medida do possível, celebre-se o Baptismo ao domingo, dia em que a Igreja recorda o mistério pascal».

Também o *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos* dá as mesmas orientações, cujo valor pastoral não podemos ignorar, especialmente nos n.ºs 4 e 8, 34 a 36 e 55. A unidade do Mistério Pascal é afirmada pela celebração dos três sacramentos, Baptismo, Confirmação, Eucaristia, ordinariamente na Vigília Pascal.

É necessário e urgente fazer uma catequese séria e persistente sobre o carácter pascal do Baptismo porque a experiência pastoral mostra diariamente quanto os cristãos estão distantes desta verdade. Embora seja grande a importância do canto na Liturgia, pouco se pode esperar dele quando a celebração não for organizada e estruturada em noções claras e justas e com um verdadeiro sentido pastoral. Tal sentido supõe sempre um esforço sério por descobrir o pensamento da Igreja e por aplicá-lo aos casos concretos tendo sempre em mente o maior bem espiritual das pessoas.

QUANDO SE DEVE CANTAR

O «*Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*» fala do canto já para os ritos do catecumenato.

«Ritual do Baptismo das Crianças»

N.º 35: Acolhimento: «Enquanto os fiéis cantam um salmo ou um hino apropriado, o sacerdote ou o diácono celebrante... encaminha-se, acompanhado dos acólito, para a porta da igreja ou para o lugar em que tiverem reunido os pais e os padrinhos com os baptizando».

É o cântico de entrada com que habitualmente se abre uma celebração. Um salmo invitatório, com ou sem sentido baptismal, ou um outro cântico apropriado.

N.º 42: Depois dos diálogos iniciais:

«O celebrante convida os pais, os padrinhos e demais pessoas presentes a participarem na celebração da palavra

de Deus. Se as circunstâncias o permitirem, organiza-se uma procissão com cânticos, por exemplo o salmo 84, 7.8.9ab, até ao lugar previamente estabelecido».

(Ver no n.º 192 do mesmo ritual estes versículos do salmo 84). Súplica ao Senhor para que nos mostre a sua misericórdia e nos restitua à vida, Ele que deseja a paz para os seus fiéis.

Este cântico tem uma dupla função: preparar a fiéis para a celebração da Palavra e acompanhar a (possível) procissão do lugar onde se fizeram os diálogos iniciais para o lugar onde vai ser celebrada a Palavra; é hábito acompanhar com um cântico as deslocações dos fiéis, festivas ou penitenciais — é um dos sentidos dos chamados cânticos rituais.

N.º 44: Na Liturgia da Palavra:

«Entre as leituras podem cantar-se os salmos responsoriais que adiante se propõem, nn. 189-191 e 199-204».

O Leccionário das Missas Rituais fornece mais elementos para a Liturgia da Palavra. É pena que habitualmente não se leia senão um dos textos evangélicos do Ritual: João 3, 1-6; Mateus 28, 18-20; Marcos, 9-11 e 10, 13-16. Corre-se o risco de esquecer o insubstituível valor da palavra de Deus na iluminação da mente dos que participam na celebração do Baptismo; só na medida em que se abrem ao dom da fé o recebem com pleno fruto. Ver os salmos no n.º 189 do Ritual: os salmos 22, 26, 33 e 84.

Este número do Ritual não se refere à aclamação ao Evangelho, mas, no n.º 199, vêm os versículos para a aclamação.

N.º 46: «Depois da homilia ou depois da prece litânica, ou dentro desta, recomenda-se um tempo de silêncio, durante o qual todos, a convite do celebrante, orem em seu coração. Se for oportuno, segue-se um cântico apropriado, por exemplo, de entre os que vêm adiante sob os nn. 226-246».

Os referidos cânticos são breves aclamações bíblicas de dimensão baptismal, hinos do Novo Testamento e outros textos das liturgias antigas. Penso que podem ser declamados, bem declamados não simplesmente lidos, quando não for possível cantá-los. Se o tempo de silêncio foi preparado e denso, sabe bem cantar ou proclamar estas aclamações. Para uma melhor tradução convém ir ao Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos onde se encontra a mesma colecção de textos.

N.º 52: Na eventual procissão do lugar onde se celebrou a Palavra para o baptistério no lugar onde vai celebrar-se o Baptismo:

«Entretanto, se for possível fazê-lo com dignidade, executa-se um cântico apropriado, por exemplo o salmo 22 (vid. n. 189)».

N.º 54: Na Bênção e invocação de Deus sobre a água.

O Ritual aqui não se refere ao canto, mas o estilo literário dos textos apresentados e a sua função litúrgica sugerem o canto. Aliás, na Vigília Pascal, a bênção da água sempre foi cantada. Depois de cada perícopa pode introduzir-se uma aclamação para a assembleia, mesmo muito simples como: «Bendito seja Deus» ou «Amen»; o Ritual apresenta algumas aclamações como exemplos, e diz expressamente: «ou outra aclamação apropriada».

O n.º 55 apresenta um formulário muito simples e aclamativo para o tempo pascal e afirma que, mesmo que se disponha de água baptismal consagrada na Vigília Pascal, se deve fazer a bênção e invocação de Deus sobre a água «para que não falte ao Baptismo o elemento de acção de graças e de súplica». Ver também os n.ºs 215 e 389 do Ritual da Iniciação. Na celebração da Vigília Pascal dê-se o relevo devido à bênção da água pelo canto do presidente e fazendo participar a assembleia por breves aclamações e no cântico aclamativo previsto para o fim da bênção. Para depois da bênção pode escolher-se um salmo ou outro cântico baptismal.

N.º 59: Após a profissão de fé dos pais:

«Um cântico em que a comunidade exprima unanimemente a sua fé».

Penso que está aqui excluído um cântico só do coro; este pode cantar as propostas e a assembleia responder com uma afirmação comunitária de fé, por exemplo: «Acreditamos», «Amen» ou outra semelhante.

N.º 60: Depois do Baptismo.

«Depois do Baptismo, se for oportuno, profere-se uma breve aclamação», e refere a título de exemplo as aclamações da colectânea, do Ritual já citada. É preferível recorrer ao Ritual da Iniciação pela melhor qualidade das traduções.

O Ritual diz «profere-se»; penso que nada obsta a que se cante. A aclamação é de natureza oratória, o seu estilo evoca quasi sempre o canto.

No tempo de S. Jerónimo — o testemunho é dele próprio — cantava-se neste momento o Salmo 41: «Como suspira o veado pelas correntes das águas, assim minha alma suspira por Vós, Senhor. Minha alma tem se de Deus, do Deus vivo; quando irei contemplar a face de Deus?»

Este testemunho da História é muito significativo: mostra-nos como os nossos pais na fé sabiam encontrar na riquíssima fonte de oração que são os salmos as referências aos acontecimentos da vida cristã, especialmente nos Sacramentos.

N.º 67: Na conclusão do rito, antes da recitação do Pai Nosso.

«Se o Baptismo não se realizou no próprio presbitério, organiza-se uma procissão até junto do altar, na qual são levadas acesas as velas das crianças baptizadas. É para desejar que, entretanto, se execute um cântico baptismal, por exemplo:

Vós que fostes baptizados em Cristo,
estais revestidos de Cristo.

Aleluia, Aleluia».

O Ritual remete novamente para a colectânea de aclamações e hinos baptismais.

N.º 71: Depois da bênção.

«Se for oportuno toda a assembleia exprime a alegria pascal e a acção de graças com um cântico apropriado, por exemplo, o *Magnificat* de Nossa Senhora».

Segundo a mentalidade corrente, não muito próxima do espírito teológico e litúrgico, cantar-se-ia aqui um texto de compromisso, um cântico de militância cristã. A Igreja prefere que a assembleia que celebrou o Baptismo faça suas as palavras simples e belas com que a Virgem Maria agradeceu a Deus o mistério da Incarnação. Oração por um dom gratuito de Deus. O Baptismo é ele também dom gratuito. Há nesta sugestão do Ritual uma rica pedagogia. Não nos despedimos de uma celebração dos Sacramentos sem agradecer e contemplar no dom recebido o amor de Deus que no-lo concedeu.

Ritual da Confirmação

Celebração da Confirmação dentro da Missa:

O *canto da entrada* pode referir-se ao mistério do Espírito Santo, da Igreja ou do Baptismo.

No tempo pascal podem aproveitar-se os hinos pascais.

A *Liturgia da Palavra* é, quanto ao canto, normal.

Pode cantar-se, como no Baptismo, *após a profissão de fé* (Ritual, n. 4).

Pode também cantar-se *durante a unção* (n. 10).

Celebração da Confirmação fora da Missa:

Cântico da entrada: um salmo ou um outro cântico apropriado (n.15).

Na *Liturgia da Palavra*, entre as leituras: salmo ou cântico apropriado, ou como alternativa um tempo de silêncio (n. 18). Nesta celebração da Palavra mantém-se o esquema tradicional: Leitura seguida de um cântico ou de um tempo de silêncio, mas prescinde-se da rigidez da Liturgia da Palavra da Missa em que se segue obrigatoriamente um cântico bíblico à primeira leitura.

Depois da profissão de fé, como atrás (n. 21)).

Durante a unção (n. 27)

Para a *comunhão* é sugerido o salmo 33: «A toda hora bendirei o Senhor»; este salmo é frequentemente citado pelos Padres da Igreja como um salmo de comunhão. Pode também cantar-se uma paráfrase de Hebreus, cap. 6, versículo 4: «Porque é impossível que aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial, tornando-se participantes do Espírito Santo...» (nn. 39 e 40).

O QUE SE DEVE CANTAR

1. Os textos cantáveis apresentados pelos livros litúrgicos, para as missas rituais — Baptismo, Confirmação, Eucaristia — e os que se encontram no Ritual do Baptismo das Crianças e no Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos têm um valor muito grande quer como material a ser utilizado quer como fonte de inspiração e caminho a seguir na escolha de outros cânticos; é claro que foram escolhidos segundo um critério litúrgico exigente. O ideal é aproveitá-los.

Quanto aos salmos responsoriais das Missas referidas, foram quase todos já musicados e encontram-se publicados. Quando o refrão não for conhecido, pode escolher-se um semelhante. O essencial é compreender o significado do canto em cada momento da celebração e fazer a escolha tendo em conta a assembleia celebrante. Não sendo possível cantar, é aconselhável uma digna proclamação dos textos.

De entre os vários salmos apresentados como responsoriais ou com outro significado cito: Salmo 8: o homem imagem de Deus e objecto da Providência divina.

Salmo 22: O Senhor Pastor do seu Povo (Apontado para a celebração dos três Sacramentos).

Salmo 26: O Senhor luz, salvação e força do seu Povo.

Salmo 33: Oração de um pobre que o Senhor atendeu (aparece várias vezes).

Salmo 88: A fidelidade do Senhor.

Salmo 95: Louvor da criação pela obra realizada por Deus.

Salmo 144:: Acção de graças (os dois últimos salmos são indicados pelo Ritual para a celebração da Confirmação).

A colecção de cânticos (hinos, aclamações e tropários das Liturgias Antigas) que se encontra no n.º 390 do Ritual da Iniciação Cristã é preciosa: aí se conservam autênticas jóias que os nossos pais na fé nos legaram. Esperemos que os compositores comecem a musicar estes maravilhosos textos. Bem lembra o n.º 33 dos Preliminares Gerais do Ritual do Baptismo das Crianças: «Procurem as conferências episcopais estimular e ajudar os cultores da música sacra, a fim de comporem melodias para os textos litúrgicos que hão-de ser cantados pelos fiéis».

Algumas ideias dominantes nesses textos (Cf. n. 390 do Ritual da Iniciação).

a) Louvor e reconhecimento a Deus pelos seus benefícios. Tais benefícios são as graças pascais, prefiguradas no Antigo Testamento e agora concedidas nos Sacramentos: textos n.ºs 1, 6, 13.

b) O amor de Deus Pai que nos escolheu em Cristo para sermos seus filhos: n.ºs 9, 12, 16.

c) A unidade dos cristãos, em Cristo: n.º 11.

d) O Mistério Pascal de Cristo: n.º 14.

e) A luz que vem de Deus: n.ºs 2, 5, 15.

f) A água relacionada com a Páscoa: n.ºs 17, 18, 21 (Ver também os textos para a bênção da água).

g) O Sangue purificador: n.º 10.

i) A Igreja: n.º 19.

Podemos concluir deste breve exame que não são apenas os cânticos que falam expressamente do Baptismo que servem para a celebração, mas também aqueles que cantam um ou outro aspecto do mistério da salvação relacionado com o Sacramento, de um modo especial os cânticos pascais. No tempo da Quaresma, evitem-se os que terminam com Aleluia.

2. Na impossibilidade de cantarmos estes textos tão belos que, mesmo os mais simples, exigem uma catequese apropriada a ser feita especialmente na Quaresma e nas reuniões que preparam o Baptismo, temos de recorrer ao que há. Infelizmente não existem respostas adequadas aos problemas de celebração dos Sacramentos da Iniciação. Esperemos que os compositores tentem responder compondo novas melodias. Entretanto recorram ao que já existe.

A visão de conjunto que a Igreja apresenta nos Preliminares dos Rituais do Sacramento do Baptismo, ajudar-nos-á também a fazer uma criteriosa escolha:

a) O Baptismo é o Sacramento da fé: temas da luz, iluminação espiritual, renovação espiritual, Palavra de Deus;

b) O Baptismo é o Sacramento da incorporação na Igreja: Temas da comunidade cristã, igreja, comunhão em Cristo, Povo de Deus, Povo Sacerdotal, fraternidade cristã em Cristo, temas relacionados com o Espírito Santo.

c) O Baptismo é o Sacramento da filiação adoptiva: temas da paternidade divina, filiação adoptiva, presença do Espírito na alma dos baptizados, apostolado.

d) O Baptismo é o Sacramento da participação na Páscoa de Cristo: temas que refram os vários aspectos do mistério pascal, mesmo o da morte para o pecado mas sempre iluminada pela esperança cristã; o Ritual do Baptismo das Crianças afirma expressamente: «É necessário que se torne manifesta a alegria da ressurreição»⁽⁹⁾.

Além dos valores fundamentais do Baptismo, podem também ser sublinhados pelo canto — desde que se tenha posto em relevo o que é de facto mais importante — alguns momentos de especial interesse como sinais:

1) A imposição da veste branca. Os Padres da Igreja referem-se ao riquíssimo significado eucarístico-baptismal da veste branca recebida no Baptismo.

2) O acender da vela. Porque não cantar «A Luz de Cristo ilumina a terra inteira», ou outro cântico ou aclamação semelhantes?

3) A unção com o óleo do crisma.

⁽⁹⁾ *Ibi*: n.º 6.

Os cânticos da Vigília Pascal, mesmo os salmos responsoriais, são autênticos cânticos baptismais, com a vantagem de permitirem estabelecer na própria celebração a ligação dos sinais, de que o Antigo Testamento está cheio, com o Sacramento agora celebrado. O Salmo 41 — «Como o veado anseia» tem numerosos testemunhos patrísticos em favor do seu uso.

Também alguns cânticos eucarísticos — de um modo especial os que o Missal Romano apresenta para o Tempo Pascal, mas não só — são cânticos baptismais. Excluem-se aqueles que insistem exclusivamente na Presença Real. Baptismo, Confirmação e Eucaristia são os três sacramentos pascais por excelência; separá-los excessivamente na vivência litúrgica é fazer uma pastoral por compartimentos estanques.

Conclusão

Cito o P. Gelineau: «Aquilo que faz uma liturgia viva e rica de significado, não são a sua estrutura e os seus elementos, é o seu estilo, o modo humano de se comportar perante esses elementos»; e, mais adiante, acrescenta o P. Gelineau: «Evidentemente que os livros litúrgicos reformados não podem dar aos ritos um rosto (uma fisionomia), uma vida, uma cor, um estilo; só as assembleias concretas o podem fazer. Atitudes, gestos, voz, canto, música, vestes litúrgicas, imagens, edifícios, são a carne e o rosto da liturgia, que não existe senão num grupo, num lugar, num tempo. Toda esta parte da reforma litúrgica está por fazer»⁽¹⁰⁾.

Concluo:

Penetrar com os olhos da fé e com solicitude pastoral que a todos nos enche de alegria, e por vezes de sofrimento, no pensamento e no sentir da Igreja expresso nos livros e documentos litúrgicos, procurar neles os caminhos pelos quais Cristo ressuscitado continua hoje a comunicar a sua graça aos homens é um autêntico serviço que prestamos às nossas comunidades e o único meio que a Igreja Mãe coloca ao nosso dispor para realizarmos uma liturgia viva. Somos assim fiéis, porque conhecemos o pensamento da Igreja de que somos instrumentos, e somos livres porque, sem abdicar do essencial, podemos criar uma liturgia com rosto que fale aos membros de uma comunidade viva. Aqui é também verdadeira a afirmação de Santo Agostinho:

«Vivas cum ecclesia e fac quod vis» — vive com a Igreja e serás livre.

P. MANUEL LUÍS

⁽¹⁰⁾ Demain la Liturgie, pág. 15-16.

PALAVRA DE ENCERRAMENTO

O nosso encontro deste ano teve como objecto a Iniciação cristã dos adultos.

O tema, mais do que sugerido, foi-nos imposto pela recente publicação da versão portuguesa do Ritual respectivo. A edição típica, latina, traz a data de 1972. Era a primeira vez que na Igreja, depois da experiência dos primeiros séculos, se dispunha de um Ritual que previsse a «iniciação cristã dos adultos», com todas as nuances que a palavra «iniciação» encerra.

A iniciação cristã — ou, por outras palavras, a introdução do candidato no mistério de Cristo — implica a recepção dos três sacramentos (Baptismo, Confirmação, Eucaristia), os quais constituem como que um bloco indissociável que forma o «ser cristão».

Na Igreja dos primeiros séculos estes três sacramentos eram recebidos no mesmo dia (Vigília Pascal) pelos adultos que, ao longo de alguns anos e percorrendo etapas variadas e exigentes, se iam preparando para a sua inserção em Cristo.

Nas Igrejas do Oriente ainda hoje os três sacramentos da iniciação cristã se administram na mesma altura às crianças, filhas de pais cristãos. Na Igreja latina seguiu-se outra praxe: são baptizadas as crianças cujos pais dão garantias (às vezes, bem poucas, infelizmente) de educarem os próprios filhos na lei de Cristo. Estas mesmas crianças, porém, só são admitidas à participação na Eucaristia quando atingem o uso da razão, e não faltam hoje pastores de almas que desejariam adiar a comunhão das crianças, para que elas tivessem oportunidade de receber da Igreja a educação religiosa que os pais, mais preocupados com a «festa» e o respeito das tradições do que com a verdadeira formação cristã dos filhos, são muitas vezes incapazes de lhes dar.

Pela mesma razão, a celebração do sacramento da Confirmação vem sendo cada vez mais retardada. Há Conferências episcopais (por exemplo, a italiana) que, por princípio, deixam para idade posterior à primeira comunhão a recepção dos sacramentos da Confirmação,

não sem alguma relutância, é certo, de teólogos e de pastoralistas que não desejariam ver alterada a ordem tradicional dos sacramentos da iniciação: 1.º Baptismo, 2.º Confirmação, 3.º Comunhão.

Os três sacramentos da iniciação modelam o «ser cristão» na sua plenitude. Em artigo recente publicado na revista de Pastoral Litúrgica *La Maison-Dieu*, Mons. Roberto Coffy, arcebispo de Albi, referia os quatro aspectos que o ser cristão envolve. Esses quatro aspectos — interiores uns aos outros e complementares uns dos outros — são os seguintes:

1.º — o ser novo ou a *nova criatura* que passamos a ser no Espírito;

2.º — o *testemunho* que devemos dar no Espírito;

3.º — a *comunhão* assegurada pelo Espírito;

4.º — os serviços ou *ministérios* que existem para a vida deste ser novo, para o testemunho e que se enraizam na comunhão e são para a comunhão. Estes serviços são diversos. Para os exercer o Espírito dá-nos as graças necessárias: os carismas.

É preciso tomar conjuntamente estas quatro componentes que definem o cristão e permitem identificá-lo. Essas componentes têm como alicerce os três sacramentos da iniciação cristã: elas são a sua expressão.

Foi para reflectir sobre estes temas que aqui nos juntámos, neste VI Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica.

Como o próprio nome indica, não se trata propriamente de uma Semana de Liturgia. Certamente que durante estes dias se proporcionaram aos participantes conhecimentos litúrgicos e se procurou fazer entrever, através de celebrações dignas e bem preparadas, a beleza e a profundidade da sagrada Liturgia. Sem deixar de ser um encanto para os olhos e para os ouvidos — os velhos tratados de Liturgia davam pelo nome, em tempos idos, de «teatro elcesiástico» — a sagrada Liturgia é muito mais do que isso: é o desenrolar de um mistério que nos ultrapassa. Entre o ensaio, em que se prepara a moldura e a acção litúrgica, em que se acolhe a presença de Deus e se vive a gratuidade do seu mistério, há necessariamente uma ruptura. Quando se celebra no mesmo lugar onde se passou o dia a trabalhar, corre-se o risco de esquecer que na Liturgia não é o homem que vai ao encontro de si mesmo ou de Deus, mas o inverso: é Deus que, tomando a iniciativa, vem ao encontro do homem. É bem diferente!

O Padre José Ferreira apontou, com muita oportunidade, a secreta tentação pelagiana que trazemos dentro de nós. Essa tentação consiste em pensarmos e agirmos como se a redenção do homem fosse uma auto-

-redenção, em que o Salvador, quando muito, seria um pedagogo, um treinador ou um simples modelo a imitar. Ora o Cristianismo é muito mais do que isso.

Disse que estes dias não são propriamente dias de Liturgia (embora acabem por sê-lo também na dupla vertente de ensinamento litúrgico e de celebrações litúrgicas).

Mas o que está na intenção do Secretariado (e da Comissão Episcopal) é que estes Encontros sejam encontros de *Pastoral* litúrgica. Ora aqui encontramos-nos perante outra dimensão.

Sacerdotes, religiosas e leigos devem encarar a sua participação nestas reuniões como uma ocasião de enriquecimento não apenas para uso pessoal mas para serviço dos outros. Quem toma parte nestes encontros não deve apenas ficar na contemplação do mistério e exclaimar: que belo que isto é!, mas, a partir do próprio deslumbramento, dizer assim: como é que eu poderei, na capela da minha comunidade religiosa ou do meu seminário ou na minha igreja paroquial, pôr ao serviço dos outros ensinamentos ou deslumbramentos que eles não tiveram oportunidade de colher ou de experimentar.

Creio que este sentido pastoral nos coloca na verdadeira perspectiva da Igreja do Vaticano II que, no Concílio, aprofundou a consciência de que a sua missão, a exemplo de Jesus Cristo, consiste em ser uma Igreja «serva e pobre». Ser pobre é pôr toda a sua esperança no Senhor. Ser serva é não parar em si mesma, mas pôr os recursos que Deus lhe deu ao serviço dos outros.

Foi para isso que viemos aqui. Bem-hajam todos aqueles que, ao longo destes dias, nos ajudaram a descobrir a riqueza da vida da Igreja e a sentir-nos mais felizes por sermos cristãos!

Palavras proferidas pelo Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro, no encerramento do VI Encontro de Pastoral Litúrgica.

Vino ao Espírito Santo

4. Vinde Espírito Di-vi-no, Ce-le-ste An-so-la-
 RH. E re-a-li-zai nos al-mas As e-las de vo-so a-
 mur. Os e-las de vo-so a- mur -
 REFRÃO Vin-de, Es-pí-ri-to Di-vi-m. Vin-de Es-
 pi-m-to Di-vi-m, Vin-dea-mos a co-ra-

- | | |
|--|---|
| <p>2. Vinde, Espírito Divino,
 Com o dom da Sapiência,
 Ensinar a distinguir
 A verdade da aparência.</p> | <p>4. Vinde, Espírito Divino,
 Vinde ao nosso coração,
 A mostrar-nos o caminho
 Que conduz à salvação.</p> |
| <p>3. Vinde, Espírito Divino,
 Com o dom da fortaleza,
 Fazer crescer nossa fé
 Com invencível firmeza</p> | <p>5. Dai certeza aos nossos passos,
 Luz aos nossos pensamentos,
 Para que sejam conformes
 Com os vossos mandamentos.</p> |
6. Para que todos unidos
 No fogo da caridade
 Sejamos irmãos, agora
 E por toda a eternidade.

Texto: Lit. das Horas

N.ª S.ª das Mercês, Maio 1980

P. MANUEL LUÍS

São Cirilo e São Metódio Padroeiros da Europa

Fez este ano quinze séculos que S. Bento nasceu. O acontecimento foi devidamente comemorado. Quem conhece a história sabe quanto lhe ficou devendo a vida religiosa e a cultura do Ocidente. Foi à sombra dos mosteiros regidos pela *Regra* de S. Bento que o nosso continente cresceu. O Papa Paulo VI proclamou-o Padroeiro da Europa e a sua celebração litúrgica foi fixada no novo calendário, no dia 11 de Julho.

A ascensão de um Papa eslavo ao supremo pontificado veio chamar a atenção para as figuras e os valores espirituais do Oriente cristão. O Papa João Paulo II acaba de constituir os Santos Cirilo e Metódio, à semelhança do que Paulo VI havia feito em relação a S. Bento, Padroeiros da Europa e de elevar a sua comemoração litúrgica no dia 14 de Fevereiro à categoria de «Festa», como acontece com S. Bento.

O gesto do Papa João Paulo II significa que a Europa marcada com o sinal da cruz não se confina aos países do Ocidente. Também o mundo eslavo faz parte da grande família cristã e guarda intactos muitos valores que lhe foram transmitidos pelos seus primeiros evangelizadores.

Entre esses evangelizadores ocupam lugar de relevo os dois irmãos S. Cirilo e S. Metódio.

Cirilo e Metódio nasceram em Tessalónica, na primeira metade do século IX. O pai era um magistrado do império bizantino. Cirilo recebeu brilhante educação literária e teológica em Constantinópoli, onde ascendeu às ordens sacras e desempenhou o lugar de bibliotecário no paço patriarcal. Alguns anos mais tarde foi encarregado de uma missão em Cherson, na Crimeia, tendo aprendido aí o hebraico. Em Cherson, deportado de Roma, tinha morrido, atirado ao mar com uma âncora ao pescoço, o Papa S. Clemente, o terceiro sucessor de S. Pedro, no fim do século I. Cirilo encontrou um túmulo submerso na água, que julgou ser o do Papa mártir dos alvares do Cristianismo. Este facto

irá explicar alguns acontecimentos posteriores e a iconografia dos dois Santos irmãos, na célebre igreja de S. Clemente em Roma, nas imediações do Coliseu.

Em 863 o rei da Morávia (parte oriental da actual Checoslováquia) pediu ao imperador bizantino missionários que conhecessem o eslavo. Foram-lhe enviados, pelo *basileus*, Cirilo e Metódio. Os dois irmãos realizaram ali um intenso trabalho apostólico, tendo inventado um alfabeto apropriado (o alfabeto cirílico) para a tradução das Sagradas Escrituras e dos livros litúrgicos em língua eslava.

A introdução da língua eslava na liturgia não foi assunto pacífico, dada a proximidade da Igreja ocidental onde o latim era considerado praticamente como sendo a única língua litúrgica. Cirilo e Metódio encontraram, porém, por parte do Papa Adriano II (867-872), bom acolhimento. O Papa, sabendo que os dois missionários traziam consigo as relíquias de S. Clemente, foi ao encontro deles, aprovando seguidamente o uso da língua eslava no serviço litúrgico.

Estando ainda em Roma, Cirilo caiu gravemente enfermo no mês de Dezembro de 868, tendo morrido no dia 14 de Fevereiro do ano seguinte. Tinha 42 anos de idade. Foi sepultado com grande solenidade na igreja de S. Clemente, onde se encontra um afresco que o representa, o qual remonta ao século X ou seguinte. (Ver *Enciclopédia Cattol.*, Elena Croce, sobre a iconografia de S. Cirilo e S. Metódio).

Depois da morte de Cirilo, Metódio foi nomeado delegado apostólico e ordenado bispo da Panónia e da Morávia (onde veio a morrer em Abril de 885). Enquanto durou o seu múnus, continuou, com os seus discípulos, a obra da versão eslava da Bíblia e de outros textos litúrgicos e de direito.

Não faltaram, porém, as dificuldades. Pressões de vários géneros dificultaram no centro da Europa a expansão da língua eslava e do seu uso litúrgico. «O futuro do cristianismo eslavo de língua vernácula estava noutro lado. Expulsos da Morávia depois da morte do seu Mestre, os discípulos de Metódio encontraram refúgio na Bulgária. Este país eslavo estava destinado a salvar a cultura eslava indígena e a transmiti-la, acrescentada e enriquecida, aos outros eslavos que viviam na zona de influência da Igreja do Oriente, isto é, os russos e os sérvios». (*Nouvelle Histoire de l'Eglise*, vol. II).

Os dois Santos irmãos, de origem bizantina, que, deixando a sua pátria, levaram o cristianismo aos povos eslavos na sua própria língua, são considerados por estes povos como os seus pais na fé. A Colecta da Missa da sua «Festa» não deixa de evocar esta verdade histórica traduzindo-a em oração. «Senhor nosso Deus, que iluminastes os

povos eslavos com a pregação dos dois irmãos Cirilo e Metódio, abri os nossos olhos à inteligência da vossa palavra e fazei de nós um povo unido na confissão e defesa da verdadeira fé».

O gesto do Papa João Paulo II, proclamando Padroeiros da Europa, ao lado de S. Bento, os Santos Cirilo e Metódio, está na linha da história e da tradição litúrgica. Os dois Santos bizantinos bem mereciam esta homenagem, e os povos eslavos a confiança que neles se deposita para o futuro do Cristianismo.

Noticiário

VII ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA

A LITURGIA DAS HORAS — ORAÇÃO DA IGREJA

O Secretariado Nacional de Liturgia está a preparar o VII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, que terá como temática A LITURGIA DAS HORAS — ORAÇÃO DA IGREJA.

Depois do estudo da Celebração Eucarística, dos Ministérios na Liturgia e dos Sacramentos da Iniciação Cristã, afigura-se-nos da maior oportunidade pastoral reflectir sobre a Liturgia das Horas que é «a oração pública e comunitária do Povo de Deus» e, por isso, considerada com razão «uma das principais funções da Igreja» (I.G.L.H. n. 1).

A participação neste Encontro nacional não é exclusiva dos participantes nos outros Encontros nacionais, nem se torna menos proveitosa para os que vão frequentar pela primeira vez.

Temas que vão ser desenvolvidos:

A Oração — pelo P. Manuel Morujão, S. J.; *A Oração da Igreja através dos tempos* — pelo P. Luis Ribeiro; Apresentação da «*Instrução Geral da Liturgia das Horas*» (I.G.L.H.) — pelo P. José de Leão Cordeiro; *A Oração dos Salmos* — pelo P. Geraldo Coelho Dias, O.S.B.; *A estrutura da Liturgia das Horas* — pelo P. José Ferreira; *Espiritualidade da Liturgia das Horas* — pelo P. Pedro Ferreira, O.C.D.; *O Canto na Liturgia das Horas* — pelo P. Manuel Luis; *O Órgão na Liturgia* — pelo P. A. Ferreira dos Santos.

CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO

Data — De 14 (às 17 horas) a 18 de Setembro (ao meio-dia).

Local — Casa de N. S. do Carmo, no Santuário de Fátima.

Inscrição — Cada participante inscrever-se-á com 400\$00 (sendo casal, ambos pagarão só 400\$00).

Devido às limitações do salão de trabalho que nos foi cedido, a inscrição é limitada este ano a 350 participantes e, como de costume, deve ser feita no Secretariado Nacional de Liturgia — Seminário de Aveiro — 3800 Aveiro (Tel. 22171) e acompanhada do respectivo pagamento, até ao dia 30 de Agosto.

Aos participantes que não puderem conseguir pessoalmente alojamento próprio e pretenderem quartos e/ou refeições a cargo deste Secretariado, além de satisfazerem a inscrição acima referida, serão oferecidas as seguintes modalidades:

- a) hospedagem completa nos 4 dias com quarto individual — 2 500\$00
- b) hospedagem completa nos 4 dias com quarto de duas camas — 2 000\$00
- c) hospedagem completa nos 4 dias com quarto de três ou mais camas — 1 250\$00
- d) só refeições nos quatro dias — 1 100\$00

Nota — Às pessoas que pedirem alojamento solicita-se que indiquem claramente a modalidade que preferem.

As pessoas que se inscreverem e não receberem qualquer informação em contrário, devem considerar-se inscritas e receberão mais informações na primeira semana de Setembro.

O Secretariado Nacional de Liturgia

PUBLICAÇÕES LITÚRGICAS

LITURGIA DAS HORAS — LAUDES, VÉSPERAS E COMPLETAS (*Composta e impressa pela Gráfica de Coimbra em fins de 1978, mas distribuída praticamente em 1979*)

Com este volume pretende-se dar seguimento e tornar mais facilmente praticável o que nos recomenda o n. 40 da Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas: «Dê-se a máxima importância a estas duas horas de Laudes e Vésperas, como oração da comunidade cristã, e promova-se a sua recitação pública e comunitária, principalmente entre as pessoas que vivem em comunidade; recomenda-se mesmo a sua recitação a todos os fiéis que não possam tomar parte na celebração comunitária».

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO (*Preparada e distribuída pelo Secretariado Nacional de Liturgia*)

É o documento que serve de introdução ao Missal de Paulo VI saído da reforma conciliar do Vaticano II, com os princípios e as normas que orientam a celebração da Missa.

O presente texto tem em conta as modificações e acréscimos que a Congregação do Culto Divino foi introduzindo na *Institutio generalis*, depois de 1969.

Esta «Instrução», que excede em muito o âmbito de uma simples introdução ao Missal, distingue-se sobretudo pelo seu carácter doutrinal e pastoral. Nela descobrimos a teologia da participação. Nela encontramos as orientações fundamentais para conduzir a comunidade cristã à participação consciente, activa e frutuosa, na celebração da Palavra e da Eucaristia, segundo o espírito da Constituição *Sacrosanctum Concilium*.

INDICE DA LITURGIA DAS HORAS

(Preparado pelo P. Pedro Ferreira, O.C.D., e distribuído pelo Secretariado Nacional de Liturgia)

Este índice de temas, autores e obras das leituras patrísticas e eclesiásticas da Liturgia das Horas constitui uma forma concreta de ajuda à causa da pastoral litúrgica.

Os autores são cerca de 178 e as leituras superam as 600. Toda esta variedade de autores e obras é colocada à disposição dos pastores de uma forma liturgicamente correcta e economicamente acessível, e faz da Liturgia das Horas um livro que, para além da oração, pode servir de base e modelo na preparação e até no exercício da pregação.

Este trabalho tem por objectivo chamar a atenção para a riqueza das leituras patrísticas e eclesiais da Liturgia das Horas e fazer um elenco dos temas contidos nas leituras de modo a permitir um melhor recurso às «inestimáveis riquezas espirituais que constituem o magnífico património da Igreja (IGLH, 165).

VI ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL LITURGICA. *Guião das celebrações litúrgicas para a assembleia.*

(Preparado e distribuído pelo Secretariado Nacional de Liturgia)

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DOS ADULTOS

(Saiu a lume em Março de 1980 e é distribuído pela Gráfica de Coimbra)

RITUAL DO MINISTRO EXTRAORDINÁRIO DA COMUNHÃO

(Preparado e distribuído pelo Sec. Nac. de Liturgia)

EM PREPARAÇÃO

— LITURGIA DAS HORAS

(Texto integral, em 4 volumes)

— SALTÉRIO

— OS MINISTÉRIOS NA LITURGIA